



FALANGE MIÚDA

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

A variação linguística em foco: levantamento e análise de pesquisas acadêmico-científicas sobre a Libras¹

Shelton Lima de Souza²

Universidade Federal do Acre - UFAC

Carine de Souza Patricio³

Universidade Federal do Acre - UFAC

Hiasmine Lima da Silva⁴

Universidade Federal do Acre - UFAC

RESUMO

O presente trabalho originou-se de um estudo com o objetivo de investigar em espaços acadêmicos virtuais, como sites de revistas especializadas e de órgãos de fomento a exemplo do banco de dados da Capes, trabalhos acadêmico-científicos que versem sobre perspectivas variacionistas em elementos estruturais da gramática da Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Nesse sentido, este artigo é resultado de uma pesquisa descritivo-analítica que culminou com a análise de uma série de produtos acadêmicos que mostram as investigações concernentes a elementos estruturais da Libras que estão em variação, de acordo com os estudos analisados. Por meio da análise proposta, observaram-se alguns resultados: os textos analisados seguem a perspectiva da chamada Teoria da Variação laboviana; não há, entre os textos, qualquer outra vertente teórica, exceto a Teoria da Variação, que subsidie a análise de elementos em variação na Libras; os autores dos textos sob investigação destacaram o fato de as comunidades surdas, nas quais foram identificados os dados, estarem em constante mudança sociocultural; e, por fim, observou-se que há uma tentativa de adaptação dos estudos variacionistas das línguas orais para o estudo variacionista das línguas de sinais, mostrando que, ainda, há uma forte tendência em se considerar e analisar a Libras por meio de perspectivas teóricas que foram construídas por meio de dados de línguas orais e que ainda há muito a se pensar e a se considerar em relação à variação na Libras, sobretudo, em outras estruturas das línguas de sinais como na sintaxe e na morfologia que podem contribuir com novas abordagens de linguagem.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Variação Linguística na Libras; Estudos Surdos; Teoria da variação.

Variation in focus: survey and analysis of academic-scientific research on LIBRAS

ABSTRACT

The present work is a research that aims to investigate, academic-scientific works that deal with variationist perspectives in structural elements of the grammar of the Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais), língua Libras. In this sense, this paper is the result of a descriptive-analytical research that culminated in the analysis of a series of academic products that show the current research trends, based on the so-called Variationist Sociolinguistics, regarding structural elements of Libras that are in variation, according to the researched studies that exposed results that were mentioned and, therefore, interpreted throughout this paper text. Thus, through the proposed analysis some results are preliminary, in view of the initial nature of

¹ Agradecemos as considerações realizadas pelos pareceristas *ad hoc* no momento de avaliação deste artigo.

² Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado 2 na Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0189097197608498>. E-mail: shelton.souza@ufac.br.

³ Graduação em Letras-Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. ORCID: [0009-0005-4627-5047](https://orcid.org/0009-0005-4627-5047). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5213333133280283>. E-mail: carine.patricio@sou.ufac.br.

⁴ Mestra pela Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil, ORCID: [0009-0009-4144-7558](https://orcid.org/0009-0009-4144-7558). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1038140176852352>. E-mail: hiasmine.silva@sou.ufac.br.

this survey: the analyzed texts follow the perspective of the so-called Labovian Variation Theory; There is not, among the texts studied, any “new” theoretical perspective with regard to analyzing the elements in variation; the authors highlighted the fact that the deaf communities are in constant sociocultural change; and, finally, it is highlighted that there is a total attempt to adapt the variationist studies of oral languages into sign languages, showing that there is still a strong tendency to consider analyzing Libras through theoretical perspectives that were constructed through data from spoken languages

Keywords: Brazilian Sign Language; Linguistic variation in Libras; Deaf Studies; Variation Theory.

INTRODUÇÃO

Para que pudéssemos tratar sobre o assunto ao qual nos dispusemos neste artigo, fez-se necessário discutir elementos referentes aos aspectos históricos sobre os surdos no Brasil e, mais particularmente, da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, e de suas variedades, e o ano no qual a Lei da Libras entrou em vigor - que assegura, no Brasil, institucionalmente, o uso da Libras nas comunidades surdas.

No sentido de que as pessoas surdas têm a Libras assegurada pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, podemos dizer que elas utilizam essa língua para se comunicar – e, nesse sentido, “para estar no mundo” (Bakhtin, 2010) -, e ainda com uso do português, tendo em vista que a Lei, em seu parágrafo único, promulga que a Libras não pode substituir a modalidade escrita do português.

Dessa maneira, visto que a língua portuguesa é utilizada em espaços sociais nos quais as comunidades surdas estão inseridas, em todos os locais em que os sujeitos surdos se fazem presentes, há todo um aparato cultural construído em torno do português.

Andreis-Witkoski, Maestri e Oliveira (2019) ressaltam que o próprio reconhecimento legal da Libras, como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas, ocorreu somente com a promulgação da Lei 10.436/2002, o que não impediu, por exemplo, que a educação de surdos ainda fosse pautada em perspectivas de ação em torno do português e, por conseguinte, tendo como base uma perspectiva “ouvintista” de educação.

De acordo com Vargas e Souza (2021), a abordagem de educação voltada para surdos se adequava a uma visão socio-historicamente delimitada de inadequação de educação para esses sujeitos, o que abriu espaço para a compreensão de que os surdos precisavam ser oralizados e, conseqüentemente, ser iguais aos ouvintes, no sentido de serem considerados seres incapazes. A educação teria de ser o espaço para inserir os “incapazes” na sociedade.

Nesse sentido, embora a Lei da Libras seja fundamental para uma compreensão estatal para o reconhecimento de línguas, a lei em si não ajuda a sociedade a compreender o que são as línguas de sinais e, sobretudo, compreender a heterogeneidade sociocultural que ela intermedeiam, o que nos ajuda a pensar e a refletir sobre a importância de se compreender que as línguas não são seres monolíticos, mesmo que as variedades linguísticas sejam vistas por meio de discursos homogeneizadores em consideração às relações de poder nas sociedades (Bagno, 2015).

Relacionando essa questão da variação linguística à Libras, nós, autores deste texto, compreendemo-nos como participantes de comunidades surdas, embora ouvintes, já

que utilizamos a Libras para nos interagir com sujeitos surdos em situações sociais específicas. Entendemos, dessa forma, que ficou impossível não percebermos a presença da variação linguística durante as conversações que tínhamos com os nossos colegas surdos de vários lugares do Brasil. E, em sua grande maioria, os surdos ensinavam uma maior quantidade de sinais com os mesmos significados, embora houvesse diferença nos traços de composição desses sinais. Isso acabou nos despertando o interesse em pesquisar como ocorre a variação linguística na Libras, especialmente a partir de um estudo de base bibliográfica.

Por meio do tema em tela concernente a um estudo bibliográfico a partir de resultados de pesquisa referentes a fenômenos de variação linguística na Libras, buscamos desenvolver algumas reflexões sobre o assunto que, inclusive, nós mesmos tínhamos dúvidas, ou que queríamos ter um melhor conhecimento sobre os elementos linguísticos e sociais que promovem variação nas línguas e, mais particularmente, na Libras. Logo, desenvolvemos este estudo procurando estabelecer uma relação entre a Libras e as formas de variação que ocorrem nessa língua.

Pensando nisso, estabelecemos como objetivo geral da pesquisa apresentar um levantamento descritivo-analítico de alguns trabalhos acadêmico-científicos sobre a variação linguística na Libras. Esses trabalhos foram identificados em sites de revistas científicas da área de Letras/Linguística e em sites de fomento à pesquisa que têm bancos de monografias, dissertações e teses, como o da CAPES, e, evidentemente, também foram consultados sites de universidades brasileiras que apresentam à comunidade científica bancos de dissertações e de teses. Tendo em vista o objetivo geral, os objetivos específicos da pesquisa que deu origem a este trabalho são os seguintes: (a) analisar as características teóricas seguidas pelos trabalhos que analisam a variação na Libras; (b) interpretar as características metodológicas de trabalhos sobre o tema variação na Libras; e (c) compreender os principais elementos de promoção da variação em Libras abordados nos trabalhos pesquisados.

Atualmente, várias pesquisas foram realizadas sobre a Libras, dando maior visibilidade à língua e, conseqüentemente, ao sujeito surdo que sofria/sofre preconceito e acabava/acaba sendo excluído do meio social. Esse é um dos fatores que fez com que o interesse pelo tema aumentasse, mesmo que existissem/existem muitos mitos criados em relação à variação linguística (Bagno, 2015).

Sendo assim, as culturas têm relação com as línguas; não seria diferente na Libras, pois, existem fatores externos (elementos físicos, geográficos, ambientais e sociais) que tornam a Libras suscetível à variação e à mudança que trazem inovações para essa língua. Quando um sujeito está inserido em determinado grupo social, ele passa a compartilhar hábitos desse grupo, em que crenças, expectativas e o conhecimento de cada indivíduo, pode, de alguma forma, se relacionar à produção linguística do indivíduo.

Dessa forma, este artigo é uma contribuição para pesquisadores ou para professores em formação ou que já atuam no ofício de ensino de Libras que buscam ampliar seus conhecimentos acerca do tema e que tenham interesse em elaborar suas pesquisas na área. Principalmente em tempos turbulentos para a pesquisa científica – em contextos

políticos em que há o desmonte de universidades e de outros espaços de ciências –, discutir pontos concernentes à variação linguística que ocorre na Libras pode ser um incentivo para mudanças, sobretudo, no ensino de Libras na Educação Básica e no Ensino Superior.

QUESTÕES GERAIS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Esta seção secundária tem a função de apresentar alguns assuntos de segunda ordem vinculados às seções primárias.

Alguns autores, principalmente de gramáticas chamadas e classificadas como normativas (Bagno, 2012), entendem as línguas como entidades que não estão passíveis a mudanças ou a inserções de novos atributos complementares, fazendo da variação linguística “uma ameaça” que deixa a língua em desacordo com a norma culta, como afirmam Rodrigues e Silva (2017):

Um dos principais valores associados à língua está presente fortemente na escola e, por conta disso, é assumido pela grande maioria dos falantes como sendo verdadeiro. Esse pré-conceito prevê que a língua é uma entidade homogênea e pura e está representada completamente nas gramáticas tradicionais e na obra dos escritores clássicos da nossa literatura. Expressões e palavras que estejam em desacordo com a norma prevista nessas obras consistiriam em uma ameaça à pureza da língua. Essa ameaça pode se configurar tanto em estruturas observáveis na fala e na escrita de brasileiros e identificada como um erro ou desvio em relação àquilo que é convencionalmente chamado de norma culta, quanto em palavras e expressões estrangeiras. Nos dois casos, esses usos são condenados por gramáticos tradicionais, cabendo à escola a sua "correção". (Rodrigues; Silva, 2017, p. 693).

De acordo com o excerto acima, as variações possíveis nas línguas não são percebidas ou são negadas tendo em vista uma perspectiva de linguagem específica. Desse modo, as diferentes questões pelas quais os usuários falantes de línguas podem passar, muitas delas de fundo social, que levam a usos linguísticos variados, são vistas como formas deturpadas de usos das línguas, considerando que “Dentre alguns dos elementos sociais que promovem variação nas línguas está o fator histórico que leva às línguas a processos de modificação” (Oliveira; Marques, 2014, p. 88).

Assim como nas línguas orais, as línguas sinalizadas também recebem influência histórica (variação diacrônica) que é repassada por cada geração. Nesse sentido, os tipos de elementos linguístico-sociais que influenciam a promoção de variações nas línguas são: diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica:

As variações diastráticas são aquelas que se dão no meio social, ou seja, a partir do vínculo do sujeito com determinada comunidade. Por sua vez, as diatópicas são as variações que ocorrem nas diferentes regiões de um país, por exemplo, um sinal que pode ter diferentes significados entre as regiões norte e nordeste. (Zancanaro; Brenner, 2013, p. 8).

A variação do tipo diacrônica é a que ocorre entre as gerações; um exemplo que podemos utilizar são as formas de sinalizações de um surdo mais velho com a de um indivíduo surdo mais jovem que utiliza redes sociais. Nesse contexto, a variação diafásica refere-se à formalidade e à informalidade de usos linguísticos, ou seja, no ciclo de amigos utilizamos gírias ou estruturas linguísticas menos formais, isso torna a comunicação mais informal; em casos de trabalhos científicos ou de ambientes que exigem o uso formal da língua, como universidades, tribunais, programas de TV, utilizam-se formas mais monitoradas da língua.

Xavier (2019) discute uma outra abordagem quanto à variação linguística, tendo em vista que as línguas sinalizadas apresentam alguns empréstimos linguísticos das línguas orais. Para Xavier, a condição de língua minoritária – que preferimos chamar de minorizadas – “das línguas sinalizadas e o constante contato com as línguas orais majoritárias favorecem a incorporação de elementos dessas por aquelas. Essa incorporação, chamada de empréstimo linguístico, tipicamente envolve itens lexicais” (Xavier, 2019, p. 51) e outros elementos gramaticais. Assim, para Xavier, os empréstimos linguísticos seriam elementos promovedores de variação linguística.

Nessa perspectiva, entendemos as línguas de sinais como uma língua que aceita empréstimos, “mas isso não quer dizer que as línguas de sinais tenham suas origens ou raízes históricas nas línguas orais” (Gesser, 2009, p. 38).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Considerando os vários aspectos relacionados à caracterização de investigação deste trabalho, a pesquisa-base que resultou neste estudo é norteado por uma abordagem qualitativa. A partir dessa perspectiva de pesquisa, este trabalho tem como norte uma análise descritivo-analítica das produções textuais acadêmico-científicas disponíveis em bancos de dados disponíveis na internet. Nesse ínterim, Fernandes (2009) informa que os métodos qualitativos descrevem uma relação entre o objetivo e os resultados. A pesquisa qualitativa se dá por meio da interpretação e esse tipo de pesquisa, segundo Creswell (2007), baseia-se em dados que não foram quantificados, o que possibilita um variado número de formas e de configurações de dados para que sejam interpretáveis, a partir de diversas estratégias de investigação.

Tomando como ponto de partida que este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, cuja ideia está em torno de se apresentar um levantamento de alguns trabalhos acadêmico-científicos sobre a variação linguística na Libras, os estudos de base bibliográfica e exploratória, segundo Vergara (2004, p. 42), são realizados em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado; por sua configuração de sondagem, “não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa”. Para complementar a questão, Andrade (2001) afirma que a pesquisa exploratória se configura como a fase preliminar, que busca proporcionar maiores informações sobre o assunto que vai se investigar.

Além disso, para Severino (2017), não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral de pesquisa, pois é importante considerar diferentes aspectos nas práticas de ação de pesquisa. Para Gil (1995), as pesquisas descritivas são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Nesse sentido, optou-se, devido à natureza deste trabalho, por uma pesquisa bibliográfica exploratória por meio de uma abordagem qualitativa de método descritivo-analítico. O estudo compôs-se de um levantamento de trabalhos acadêmico-científicos que abordam a variação linguística na Libras, tendo em vista que ainda são poucos os estudos sobre esse tema.

CONTEXTO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA-BASE DO TRABALHO

Como objeto de estudo para este artigo, identificamos dezenove textos, entre eles, dissertações, teses e artigos científicos que são voltados para o estudo da variação linguística com foco na Libras. A pesquisa bibliográfica que deu origem a este artigo foi realizada em 2022. Na época, utilizamos dois critérios para a escolha dos textos que foram analisados: estar disponível em bancos de dados *on-line* como sites de revistas científicas e bancos de dados de dissertações e teses como o da CAPES e publicações nos últimos dez anos referentes ao tema variação linguística na Libras. Optamos por esse recorte temporal, considerando que o debate sobre variação linguística nas línguas de sinais e, mais especificamente, na Libras não era tão recorrente no primeiro decênio dos anos 2000 e em datas anteriores a esse tempo – inclusive com o número de revistas científicas eletrônica *on-line* ser baixo e sites de armazenamento de teses e de dissertações começarem a existir a partir do milênio mencionado. Essas afirmações foram tecidas a partir da amostra apresentada no **Quadro 1 – textos sob análise** a seguir, em que se observa um número crescente de trabalhos, a partir da segunda década do ano 2000:

Quadro 1 – Textos sob análise

Auto r	Ano de publicação	Tipo de trabalho	Características teórico-metodológicas do trabalho
Vargas	2017	Dissertaçã o	Utiliza-se uma perspectiva variacionista laboviana, foco no campo semântico família.
Silva	2016	Artigo	Utilizam-se autores nacionais, com foco somente em dois sinais referentes aos itens lexicais “pai” e “mãe”.

al. Oliveira et	2020	Artigo	Observa a variação por meio do aplicativo Hand Talk e a produção linguística de uma professora surda.
Monteiro	2019	Artigo	Utilizam-se os estudos de Molica; Braga (2004) no tocante a questões de variação do português, mas que podem ser relacionadas aos estudos variacionistas com foco na Libras.
Silva	2020	Dissertação	Utiliza-se de características sociais como sexo e idade para se analisar a variação lexical e fonológica de alguns sinais produzidos por surdos na cidade de Maceió/AL.
Silva; Dizeu	2017	Artigo	Estudo de base variacionista laboviana com referência a Mackee (2006); Em Mackee (2006) observam-se vários itens lexicais da Libras organizados em campos semânticos distintos que sofrem variação em um ou mais aspectos fonológicos.
Andrade	2013	Tese	Utilizou-se parte da Lista de Swadesh para se descrever e analisar a variação lexical em Libras.
Garcia; Guimbal	2018	Artigo	Discutiram as principais ideias apresentadas sobre variação em Libras.
Dantas	2018	Dissertação	Estudo histórico da Libras e a variação diatópica.

Klein; Pereira	2015	Artigo	Comparação entre sinalizações produzidas em cidades do estado do Rio Grande do Sul.
Andreis- Witkoski; Maestri; Oliveira	2019	Artigo	Estudo sobre a produção de mitos em relação à Libras com objetivo de produzir ações de desconstrução de preconceitos linguísticos.
Silva; Burgeile	2018	Artigo	Análise do termo “trança” como exemplo de variação linguística lexical em Libras.
Machado ; Weininger	2018	Artigo	Estudo de variação no uso de sinais da Libras produzidos por autores-tradutores surdos em aulas <i>on line</i> do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.
Monteiro	2017	Artigo	Estudo em comunidades surdas e produções culturais realizadas por pessoas surdas para se tender as variações linguísticas e as variações diastráticas identificadas na Libras.
Rodrigues; Silva	2017	Artigo	Análise de categorias sociolinguísticas, como variação e mudança linguística, heterogeneidade e contato linguístico considerando a Libras.
Nascimento	2021	Artigo	Análise de mitos e de crenças sobre a Libras, a partir de regionalismos produzidos nas áreas de

			Matemática, Biologia e Língua Portuguesa.
Oliveira; Marques	2014	Artigo	Estudo realizado com pessoas surdas que trabalham com o ensino da Libras e sobre as representações que esses professores desenvolveram em relação à variação linguística na Libras.
Zancanaro Júnior; Brenner	2013	Artigo	Estudo sobre variação linguística em Libras em diálogo com abordagens estruturalistas saussureanas.
Xavier	2019	Artigo	Estudo comparativo entre línguas de sinais e línguas orais com foco em aspectos variacionistas.

Fonte: Organizado pelos autores(2022)

Como podemos observar no Quadro, há diferenças significativas em relação à análise dos dados apresentada pelos autores; essas diferenças foram levadas em consideração na análise que propomos neste trabalho. Assim, retomaremos os dados referentes no Quadro 1 mencionado, na subseção correspondente à análise desenvolvida, para traçarmos alguns pontos que destacamos desses trabalhos que nos permitem caracterizar uma espécie de perfil de textos acadêmico-científicos que propuseram mostrar questões relacionadas à variação na Libras.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIBRAS: TEXTOS SOB ANÁLISE

De maneira geral, observamos nos trabalhos acadêmico-científicos sob análise que em alguns anos – sobretudo em anos anteriores ao início do séc. XXI –, os estudos sobre a linguagem ainda eram voltados às línguas oroauditivas e, desde o início dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, estão sendo estabelecidas novas perspectivas (Garcia; Guimbal, 2018, p. 9) em que, por exemplo, é possível refletir sobre variação linguística em línguas de sinais. Silva e Dizeu (2017), por exemplo, discutem a questão, cujos itens lexicais de campo semânticos distintos sofrem variação. A partir disso, afirmamos que com o surgimento de pesquisas voltadas para a variação linguística em línguas de sinais, desenvolve-se um campo novo a ser explorado.

Ao longo dos anos, a variação que ocorre na Libras, no caso de uma língua produzida em ambientes brasileiros, se torna objeto de pesquisa e alguns trabalhos científicos passam a ser produzidos, tendo em vista que “em uma única língua, podemos encontrar diferentes formas de usos e isso caracteriza a variação linguística” (Júnior Gláucio, 2011, p. 62).

Para Andreis-Witkoski *et al.*, “é provável que a crença na plausibilidade de discursos que homogeneizam as línguas de sinais, seja resultado do preconceito remanescente de que essas línguas não seriam compostas por sinais e sim por meros gestos icônicos” (Andreis- Witkoski *et al.*, 2019, p. 6); ainda que diferentes estudos mostrem que isso é uma crença, ainda há discursos que se referem à Libras como um “jogo de imitação” simplesmente por achar que os sinais, somente, representam imagens e que os sinais partam do princípio da iconicidade com mera representações de imagens (Perlin, 2003).

Embora alguns sinais tenham a iconicidade, entendemos que isso não é uma regra, ou seja, pode não ser uma referência a ideia visual do que está sendo sinalizado, como explica Monteiro (2017):

Muitas pessoas podem acreditar que os sinais usados na Libras sejam como desenhos daquilo que representam feitos com as mãos. Entretanto, embora alguns sinais sejam, de fato, uma representação que tem características do significado que pretendem expressar, em geral, os sinais da Libras não mantêm relação com seu referente. (Monteiro, 2017, p.197).

Com o passar do tempo, os sinalizantes podem perceber que algumas variedades em Libras deixaram de ser usadas; a instalação de novas variedades é progressiva e, “entre estágios de transição, podem-se perceber questões sobre a forma como a variante passa de um indivíduo para outro e de um contexto para o outro” (Andrade, 2013, p. 48). Quando uma determinada variedade começa a ser usada pelos sinalizantes de Libras, ela passa a ser utilizada por comunidades surdas por meio de divulgação e de interação linguística. Assim, as “novas” formas passam a ser utilizadas por mais pessoas.

Pelo o que observamos nos trabalhos que estão sob discussão neste artigo, o uso de variantes linguísticas pode ocorrer, devido às influências de elementos sociais - além de questões internas do sistema linguístico -, no que concerne a mudanças nas comunidades surdas em que os sinais são produzidos devido a diversas influências sociais.

Além disso, observamos que os estudos sobre variação linguística com foco na Libras são recentes, no entanto, percebemos que, nas últimas décadas, os estudos acadêmicos relacionados ao fenômeno da variação linguística nessa língua cresceram, consequência da visibilidade que a Libras e suas variedades vêm recebendo. Isso acarreta o desenvolvimento de trabalhos que procuraram investigar as características sócio gramaticais que caracterizam a Libras como língua.

No estudo de Vargas (2017), a partir da perspectiva variacionista de língua, foi realizada uma análise sobre o campo semântico “família” nas cinco regiões do Brasil e os resultados obtidos mostram que alguns sinais sofreram variação no campo semântico

em todas as regiões, enquanto que outros não sofreram qualquer tipo de variação. Vargas discutiu que a variação dos sinais do campo semântico sob investigação apresenta um número satisfatório de variações existentes dos sinais analisados e em qual região se utiliza cada sinal. Vargas (2017) informou que a variação entre faixas etárias é perceptível na Libras, pois surdos mais velhos sinalizam de uma forma, e com o passar do tempo, os sinais sofrem processos de variação que podem levar a mudanças estruturais e de usos linguísticos; devido a essas variações, os surdos mais jovens podem apresentar sinalizações diferentes das gerações anteriores.

Um fator extralinguístico importante que desencadeia a promoção de variação na Libras, segundo Vargas, são as diferenças entre os gêneros sociais que, tradicionalmente, nos estudos variacionistas, são chamados de sexos em uma perspectiva binária: homem e mulher. Ainda que a maioria dos estudos em relação à variação linguística que ocorre na Libras estejam voltados para o fator sexo, em que ficam evidentes os olhares sobre a diferenças que a sociedade brasileira entende por homem e por mulher em uma perspectiva binária, Vargas afirma: “com relação à variação sexual ou à diasssexual, a diferença é marcada geralmente com relação ao autoritarismo e a valorização do sexo masculino, é o oposto observado em relação às mulheres” (Vargas, 2017, p. 67).

Enquanto o estudo de Vargas (2017) centrou-se nos sinais da Libras que compõem o campo semântico família com vários sinais relacionados a essa configuração semântica, Silva (2016) direcionou o seu olhar somente para dois sinais presentes nesse campo semântico: os sinais de “pai” e “mãe”. Silva utilizou autores nacionais para ter embasamento sobre os estudos relacionados à variação linguística, analisando os sinais “pai e “mãe” em Florianópolis – Santa Catarina. Os principais resultados obtidos foi que essa variação ocorre devido à idade dos sinalizantes, o que levou Silva a concluir que o fator idade é um elemento promovedor de variação entre os dados analisados na comunidade de fala em destaque.

Silva (2020) afirmou que alguns surdos mais velhos não aprendem sinais desenvolvidos por gerações mais novas, porque não têm contato com essas formas inovadoras de sinalizar. Uma possibilidade de contato, segundo Silva, seria pela tecnologia, mas algumas gerações mais idosas não têm acesso a esses tipos de comunicação. Dessa forma, idosos apresentam uma sinalização mais específica que tem relação com os aspectos culturais que produzem e com os quais têm contato. Esse acontecimento entre gerações mais antigas é comum, por exemplo, entre sujeitos que moram em regiões mais afastadas dos locais considerados grandes centros urbanos, ocasionando algumas barreiras linguísticas que poderiam ser sanadas, em parte, com o uso da tecnologia.

O trabalho de Oliveira *et al.* (2020) se refere a uma análise da variação dos sinais correspondentes às palavras *apaixonar*, *achar* e *reprovar*. Para o desenvolvimento da análise, as autoras contataram uma professora surda que colaborou com a pesquisa, para se observar se a professora em questão entendia os exemplos de variação sob análise; para o trabalho, Oliveira *et al.* também observaram se o aplicativo *Hand Talk* apresentava exemplos de variação sobre os sinais dos verbos mencionados. De acordo com Oliveira

et al., tanto a professora surda, quanto o aplicativo *Hand Talk* identificaram variação no uso dos verbos em tela, mostrando que, a depender da situação, uma variante é mais usada do que a outra. Inclusive, Oliveira *et al.* observaram que o sistema de escrita de língua de sinais, *SignWriting*, também identifica símbolos que registram algumas variações para os verbos analisados. A partir do trabalho de Oliveira *et al.* (2020), observamos que o uso de um recurso tecnológico como o *Hand Talk* é uma inovação tecnológica que contribuiu com a amenização das barreiras linguísticas, principalmente com os estudos referentes à compreensão dos diferentes usos da Libras.

O trabalho de Monteiro (2019) analisou os sinais das preposições *sobre e contra*, e, para tanto, utilizou-se do estudo de Mollica e Braga (2004) que consistiu em mostrar as circunstâncias linguístico-sociais que as variações acontecem. Com base em Mollica e Braga, Monteiro atribuiu as variações que se fizeram presentes nos sinais aos fatores idade, sexo e escolaridade, obtendo o resultado de que os sinais sofrem variação em pelo menos em um dos parâmetros da Libras. Dessa forma, pudemos perceber que enquanto um estudo utiliza dados com uma pessoa surda e um recurso mais tecnológico e pouco conhecido como o *Hand Talk* como forma de comparação (Oliveira *et al.* (2020), o estudo de Monteiro utiliza o próprio sujeito surdo como identificação das variações constatando, assim, que o fenômeno da variação é um atributo ativo da Libras e recorrente nos diferentes usos que os sujeitos fazem dessa língua, cuja interferência de traços sociais é um elemento a se considerar nas análises linguístico-estruturais que consideram a Libras como espaço de investigação para interpretações científicas de base variacionista. Para Monteiro (2020), a escolaridade é um fator importante de interferência sobre os usos linguísticos. Segundo essa autora, quando se faz uma análise dos fatores extralinguísticos sobre as línguas, percebe-se que a escolaridade promove consequências visíveis para a variação linguística, ou seja, o grau de escolaridade pode acarretar diferenças para o uso da língua.

Monteiro (2020) postula que existem categorias para explicar a variação linguística diante do fator extralinguístico de escolaridade. Uma delas é a divisão entre a variedade considerada de prestígio e uma possível “variedade mais neutra” que é observada em contextos mais formais, em posições sociais consideradas mais elevadas. Por outro lado, outros usos linguísticos realizados por pessoas com baixa escolaridade pode levar à formação de estereótipos diante daquilo que é produzido. As pessoas não escolarizadas, o que podemos relacionar à sinalização de surdos mais pobres, são vítimas de estigmatização que, volta e meia, é criada por meio da postura de pessoas da sociedade civil, como professores que desconhecem ou não consideram relevantes os debates relacionados às diversidades linguísticas.

Monteiro (2019) complementa que as mulheres, em sua grande maioria, tendem a ter um padrão linguístico “mais conservador” que tem relação com as questões sociais envoltas das mulheres ou do que a sociedade entende pela categoria mulher ou da forma como as mulheres “devem se comportar”, inclusive do ponto de vista dos usos sociais das línguas. Nesse sentido, as mulheres, desde a tenra idade, são reguladas na forma de se vestir, de se expressar, nas diferentes maneiras de se comportar no tocante às

diferentes sexualidades possíveis e também nas formas linguísticas que utilizam nos espaços sociais (Lakoff, 2004). No tocante às questões relacionadas aos gêneros e aos usos sociais na Libras, os mitos relacionados às sexualidades, tendo em vista os gêneros sociais serem socialmente produzidos em discursos hegemônicos vistos por meio dos sexos biológicos (Borba, 2015), também é usado para subsidiar trabalhos em uma perspectiva variacionista.

Nesse ínterim, alguns desses trabalhos entendem que as sexualidades não apresentam diversidades. Essa visão foi base, e ainda é, de trabalhos na área de Sociolinguística Variacionista, que entendem/entendiam que o fator social sexo era considerado relevante para a promoção de variação linguística. A visão homogeneizada dos gêneros sociais ainda é muito forte, tendo em vista que até mesmo os trabalhos acadêmicos-científicos mais recentes na Libras ainda trazem pesquisas que utilizam os termos homem e mulher, sem qualquer problematização. Os estudos relacionados à variação linguística em língua de sinais, com foco na Libras, ainda se pautam em uma perspectiva binária das sexualidades, sendo usada como elemento de referência e marcador de influência sobre as línguas de sinais.

No trabalho de Castro (2011), são utilizadas formas da terminologia da política brasileira, buscando analisar e identificar variantes e variantes-padrão para investigar se a variação linguística ocorre de forma natural na Libras ou se ocorrem devido à influência de outras línguas como o português, por exemplo:

[...] não se deve ter como comparação o que muitos pesquisadores, ao tratar do tema, fazem, que é considerar a variação linguística em LSB com base nos estudos já realizados em Língua Portuguesa. Isso é uma tentativa de estudar ou aproximar a LSB da modalidade Língua Portuguesa. Acreditam que assim o surdo aprenderá, escreverá em português, e justificam a primeira como a segunda, como se as duas línguas fossem sistemas equivalentes, e não o contrário. Diante dessa problemática para o estudo de uma língua, o pesquisador linguista necessita estar ciente de alguns mecanismos de domínios e representações de determinadas línguas em suas análises, bem como compreender a evolução de cada língua. (Castro, 2011, p. 14)

A partir da perspectiva variacionista laboviana e, também, por meio do trabalho de Mackee e Mackee (2006), Silva e Dizeu (2017) analisaram 50 sinais de cinco categorias semânticas que estão presentes na Libras, tais como: alimento, animal, cor, meio de transporte e vestuário, que obteve como resultado as variantes dos sinais presentes em pelo menos três parâmetros da Libras e a porcentagem que os fatores sexo, escolaridade e idade contribuem para essa variação. Silva e Dizeu (2017) complementam que mesmo depois de vinte anos do reconhecimento da Libras como língua, vários mitos ainda ocorrem em relação à estrutura e aos usos sociais dessa língua. Embora as línguas de sinais sejam reconhecidas como língua, quando surgiu um sistema de notação que pudesse representar a estrutura de seus sinais, como modelos para o registro de sinais, o reconhecimento da Libras foi tardio o que ocasionou o adiamento de pesquisas sobre essa língua.

Por conseguinte, Andrade (2013) utilizou em seu estudo a lista de Swadesh que consiste em uma proposta de vocabulário com exemplos de línguas orais. A ideia foi fazer um levantamento de sinais, nos moldes da lista de Swadesh, para se observar elementos de variação nesses sinais entre surdos do estado da Paraíba. Esse estudo piloto contava com 133 palavras, porém ao mostrar essas palavras/imagens aos integrantes surdos, algumas dificuldades surgiram como entender de fato qual sinal era para o surdo sinalizar ou os surdos envolvidos na pesquisa não conheciam as palavras propostas na pesquisa. Outro obstáculo encontrado foi a policomponencialidade dos sinais a que Andrade se refere “ao fato de que o sinal de determinada palavra pode ser modificado em função do contexto em que está sendo empregado (Andrade, 2013, p. 76).”

Dantas (2018) analisou a possibilidade de modificação nos usos de sinais nas cidades de Macaé e do Rio de Janeiro, ambas localizadas no estado do Rio de Janeiro. Segundo a autora, alguns sinais, ao longo do tempo, modificaram-se em relação a usos anteriormente realizados. Dantas afirmou que no município do Rio de Janeiro a sinalização é mais rápida com expressões faciais muito marcadas, enquanto que no município de Macaé a sinalização é “mais calma”. O trabalho de Dantas (2018) é resultado de uma pesquisa com o intuito de se fazer um resgate histórico da Libras e do surgimento de suas variantes nos municípios do Rio de Janeiro e de Macaé. Dantas se referiu aos estudos realizados sobre os surdos e seus usos linguísticos em Macaé que propunham padronizar a sinalização desses usuários para que os seus usos linguísticos fossem iguais ao que se entendia como padrão, que eram as formas de sinalização desenvolvidas por surdos cariocas. Ainda de acordo com a autora, antes de estudos próprios sobre línguas de sinais em Macaé, considerava-se que os surdos desse município não “tinham uma sinalização própria e sim gestos soltos”. Após feita essa digressão histórica da Libras, o próprio sinal de Libras, em Macaé, sofreu variação, destacando-se o fato de que nesse município usa-se um tipo de Libras, que se remete a uma perspectiva variacionista de língua, em que se aprende o sinal e suas variantes.

Dantas, ao citar Silva Burgeile (2018), informou que as variações que ocorrem tanto em Macaé, quanto no município do Rio de Janeiro, trazem características inovadoras às línguas. A constatação de Dantas é importante, tendo em vista que a Libras sofre vários mitos e preconceitos. As pesquisas científicas variacionistas com base na Libras e em suas variedades podem diminuir os preconceitos sobre os seus usuários, dando a elas *status* sociais favoráveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientar as conclusões e/ou posições do autor frente aos frutos do estudo, geralmente confeccionada por meio da exploração dos objetivos alcançados e da discussão do problema discutido é fundamental. Para o encerramento deste trabalho, que é um olhar sobre trabalhos acadêmico-científicos que analisam o fenômeno de variação na Libras, é necessário salientar alguns pontos que consideramos válidos durante toda a trajetória da pesquisa bibliográfico-exploratória que deu origem a este trabalho.

Todos os trabalhos analisados discutem variação lexical com base na Teoria da Variação laboviana. Não houve, entre os dados investigados nos trabalhos sob avaliação, outros exemplos de variação linguística, como variação sintática e variação morfológica. O foco dos estudos concernentes é direcionado à variação lexical no nível semântico.

Além disso, consideramos que a principal dificuldade para a realização das considerações que tecemos ao longo deste estudo foi identificar textos sobre a variação linguística em línguas de sinais que são produzidas em alguns estados brasileiros, como o Acre, cidade em que estão localizados os autores deste texto. Identificamos, apenas no trabalho de Vargas, alguns itens lexicais produzidos na cidade de Rio Branco, capital do Acre, mas sem maiores relações como possíveis interferências na variação.

Esse fato nos enseja a pensar que se faz fundamentalmente necessário refletir sobre possibilidades de pesquisa com base nesse tema em vários lugares do Brasil para que seja possível conhecer as diferentes formas de usos da Libras e de suas variedades nos espaços em questão.

Após a análise dos textos e fazendo uma retomada dos objetivos propostos na Introdução deste trabalho, pudemos analisar que as principais características dos estudos aqui interpretados discutem que a variação linguística é um fator natural que pode ocorrer em qualquer língua, assim como ocorre na Libras. Percebemos que as características metodológicas utilizadas na maioria dos estudos fizeram uma avaliação das mudanças sociais pelas quais as comunidades surdas passaram ao longo do tempo, além de suas características sócio históricas e sócio geográficas com base em estudos realizados com línguas orais.

Por fim, compreendemos que a variação linguística tem elementos importantes que causam o seu desenvolvimento, como, por exemplo, no caso da Libras, a sua utilização nas comunidades surdas, em que não há somente surdos, mas também usuários de Libras ouvintes, o que pode provocar diferentes formas de interação social com usos de sinais e de outras estruturas gramaticais da Libras. Assim, os trabalhos analisados neste artigo mostram que ainda há muito a se pensar e a se considerar em relação à variação na Libras, sobretudo, em outras estruturas das línguas de sinais como na sintaxe e na morfologia que podem contribuir com novas perspectivas de linguagem e, até mesmo, do fenômeno da variação em comunidades linguísticas, até pouco tempo, invisibilizadas, como as comunidades surdas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Como Preparar Trabalhos para Cursos de Pós-Graduação: Noções Básicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001

ANDRADE, Wagner. **Variação fonológica da Libras: Um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba**. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em

Linguística. Centro ciências humanas Letras e artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: como é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. M; [VOLOCHÍNOV, Valentín. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de abril de 2002.

DANTAS, Cristiane. **Variações linguísticas em Libras**: Um estudo das variações diatópicas das cidades de Macaé e Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em cognição e linguagem. Centro de Ciências do Homem. Universidade estadual do nordeste fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Rio de Janeiro, 2018.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender**: Fundamentos, práticas e políticas. São Paulo. Unesp, 2009.

GARCIA, Ana; GUIMBAL, Ana. **Variação linguística no léxico da língua brasileira de sinais**: uma abordagem teórica. V congresso paraense de educação especial UNIFESSPA, Marabá PA, 2018.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

JÚNIOR, Gláucio. **Variação linguística em língua de sinais brasileira**: Foco no léxico. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Departamento de Linguística português e línguas clássicas. Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2011.

JUNIOR, Luiz Antonio Zancanaro; BRENNER, Teresinha de Moraes. TEORIA FONOLÓGICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA APLICADAS A LIBRAS. Revista Leia Escola, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 7-21, set. 2014. ISSN 2358-5870. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/215>. Acesso em: 17 maio 2022.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria. Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, Myrna Salerno. Variação linguística em preposição na libras: o caso dos sinais “sobre” e “contra” nos níveis léxico e fonológico. **Revista Espaço**, v. 1, n. 51 Rio de Janeiro, 2019.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **Análise de variações linguísticas na Libras**. In: Língua Brasileira de Sinais: produzindo conhecimentos e integrando saberes. Coleção de artigos completos. UFF: Niteroi, 2017.

OLIVEIRA, Reany; MARQUES, Rodrigo Rosso. Uso da variação linguística na língua brasileira de sinais. In: Revista **Diálogos**: linguagens em movimento. Caderno estudos linguísticos e literários. Ano II, N. I, 2014, Cuiabá, 2014.

QUADROS, Ronnice Müller. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RODRIGUES, Angelica; ALMEIDA-SILVA, Anderson. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais). *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. 1.], v. 46, n. 2, p. 686–698, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i2.1673. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1673>. Acesso em: 17 maio. 2022.

SILVA, Priscila; DIZEU, Liliane. Variação linguística na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió/Alagoas. **Revista Leitura**, v. 1, n. 58, Maceió, 2017.

SILVA, Simone. **Variação sociolinguística na língua brasileira de sinais: o caso dos sinais mãe e pai em Florianópolis**. Florianópolis, 2016.

SILVA, David. **Variação fonológica e lexical em Libras**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2020.

SILVA, Maria Norma Lopes Souza.; BURGEILE, Odete. A variação linguística no léxico em libras/the linguistic variation in lexicon in libras. *Revista ECOS*, [S. 1.], v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3050>. Acesso em: 17 maio. 2022.

SOUZA, Shelton Lima. **Dialogando, desnormalizando e (re)existindo em espaços superdiversos: a escrita indígena em contexto universitário**. 2022 (no prelo)

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro. **Variação diatópica na língua brasileira de sinais:** a questão do léxico no campo semântico “família”. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em letras: linguagem e identidade. Universidade Federal do Acre-UFAC, Rio Branco, 2017.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima. (Des)pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 8, n. 2, p. 889–903, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 27 maio. 2024.

XAVIER, André Nogueira. Panorama da Variação Sociolinguística em Línguas Sinalizadas. **Clara Bola**, v.12, Paraná, 2019.

Aqui tem uma quebra de seção não apagar esta folha (só editor pode mexer daqui para frente)

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 12 de setembro de 2025.

Aprovado: 03 de fevereiro de 2026.

Publicado: 25 de março de 2026.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

Editor

Marcus Garcia de Sene

Publisher

Este artigo foi Publicado na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-



científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020) a Revista Poiesis Pedagógica obteve Qualis B3.

